

Pelo Mundo De Berlim

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN

segundocaderno@oglobo.com.br

A capital e o nazismo

Quando Adolf Hitler tomou posse como chanceler da Alemanha, em 30 de janeiro de 1933, eleito com 33% dos votos, Berlim era a capital do país, uma cidade com quase 4,5 milhões de habitantes. Apesar da crise financeira mundial, a metrópole ainda vivia sob o glamour e a efervescência cultural que a tornaram célebre na década de 1920. Em Berlim conviviam inúmeras culturas e nacionalidades, uma organizada classe operária e comunista e uma intensa cena intelectual e artística. Para completar, a libertina e liberada vida noturna berlinense dava o que falar.

Porém, o perfil de Hitler iria bater de frente com os estilos de vida da cidade que ele escolheu para ser a sede do seu “reino”. Hitler conquistou os alemães com seu nacionalismo populista, valorizando os agricultores, criando melhorias sociais imediatas e prometendo vingança pela derrota sofrida na Primeira Guerra. Chegou a ser chamado de benfeitor da Nação, até começar o seu processo de “limpeza étnica”. O grupo de homens e mulheres considerados indesejáveis pelos nazistas era formado por judeus, comunistas, homossexuais, ciganos, eslavos, deficientes motores, deficientes mentais, prisioneiros de guerra soviéticos, intelectuais poloneses, russos e de outros países do Leste Europeu, Testemunhas de Jeová, alguns sacerdotes católicos, alguns membros mórmons e sindicalistas, pacientes psiquiátricos e presidiários, além de artistas, músicos e jovens “rebelde” que se comportassem de modo condenável pelo regime (ouvindo jazz, por exemplo) ou quem de alguma forma ajudasse os “perseguidos e degenerados”. As relações amorosas entre “arianos” e “não-arianos” tornaram-se em 1935 “crime contra a pureza da raça”.

Relembrar para não esquecer. Para discutir o horror desses fatos e não deixá-los cair no esquecimento, 2013 se estabeleceu como um ano temático na capital. Com foco no período 1933-38, “Diversidade destruída” apresenta centenas de eventos entre janeiro e novembro de 2013, destacando as enormes perdas que a barbárie nazista infligiu à cidade. A programação mostra também a resistência de muitos alemães que, motivados antes pelo seu senso de humanidade e coragem civil do que por simples posição política, ajudaram os seus vizinhos ou amigos perseguidos.

Outro episódio que completa 80 anos é a grande queima de obras literárias e estudos acadêmicos considerados “não-alemães” promovida pelos nazistas em 10 de maio de 1933. Nessa noite da grande fogueira, com a participação de 40 mil pessoas, foram destruídos cerca de 20 mil livros e jornais, 5 mil imagens e a biblioteca inteira do Instituto de Ciências Sexuais, cujo diretor era o sexólogo Magnus Hirschfeld. Ali começava o plano de perseguir e destruir a comunidade homossexual da Alemanha. Uma lista com um milhão de nomes de homossexuais no país foi compilada. Estima-se que 50 mil homens foram presos e entre 5 e 15 mil acabaram em campos de concentração, onde recebiam tratamento especialmente cruel.

Os retratos da exposição ao ar livre que integra “Diversidade destruída” estão espalhados por 11 locações berlinenses: Wittenbergerplatz, Tempelhof, Mathilde-Jacob-Platz, Hackescher Markt, Lustgarten, Rudi-Dutschke-Strasse, Estádio Olímpico, Platz der Republik, Kurfürstendamm, Potsdamer Platz e Frankfurter Tor. Agrupados sob diferentes temáticas estão 200 cartazes com retratos de pessoas famosas como Albert Einstein e Bertolt Brecht e de muitas outras praticamente desconhecidas, tendo em comum o fato de que seus destinos foram marcados pelo nazismo. Entre tantas histórias trágicas, há casos de heróicos sobreviventes, como Samson Schönhaus, que, ainda jovem, atuou falsificando passaportes, inclusive um para si, e escapou para a Suíça em 1943 onde vive até hoje, aos 90 anos.

No DHM, Museu Histórico Alemão, está a exposição principal que serve de fio condutor ao ano temático. Segundo o secretário de Cultura, André Schmitz, o público alvo de “Diversidade destruída” são os jovens berlinenses, que, se hoje vivem em uma cidade cosmopolita e diversificada, devem saber que essa liberdade teve que ser conquistada e reconquistada muitas vezes. Não vamos dizer que a vida em Berlim é um mar de rosas, mas a cidade é hoje um laboratório de diversidade e convivência de estilos de vida. Vivo na Alemanha há quase 20 anos e em Berlim há 12. Em maio de 2010, escrevi a primeira coluna Pelo Mundo de Berlim. Três anos se passaram, e hoje escrevo a minha última colaboração como colunista do jornal. Me despeço aqui com um abraço a todos os leitores, colegas e um agradecimento mais que especial a Melissa Dullius, que durante estes anos se encarregou da pesquisa e da edição das colunas. É hora de mudanças, desafios e de trilhar novos caminhos. ●

SEGUNDA
DANIEL GALERA

TERÇA
Pelo mundo

CRISTINA RUIZ

BERLIM

ANA PAULA SOUSA

LONDRES

QUARTA
FRANCISCO BOSCO

QUINTA
Pelo mundo

EDUARDO GRAÇA

NOVA YORK

EDUARDO LEVY

LOS ANGELES

SEXTA
HERMANO VIANNA

SÁBADO
JOSÉ MIGUEL WISNIK

DOMINGO
CAETANO VELOSO